

Queremos agarrar o tempo, parar o dia, esticar as horas

Dauri Batisti

Se mais ou menos quatro horas da tarde na minha infância bonita era o tempo de voar no chão correndo nos morros quando deveria tocar os bezerros para o curral, agora, esse mesmo horário me faz pensar com sentimentos a importância dos momentos em que nos encontramos com outros eus, realidades, dimensões, ações, pessoas.

Encontro é uma palavra tão bonita e o que ela expressa também, mas nela mesma existe uma outra beleza não tão explícita que precisa ser vista, pois encontro é ir contra, também. Se encontro pode ser entendido como reunião, pela união de interesses, aspirações, sonhos e intenções, há de não se esquecer de que também implica em ser contra e dizer não. Fico em dúvida... Qual a melhor conexão? Talvez seja a tarde a dar-lhes o melhor entendimento.

Era por volta das quatro da tarde quando dois discípulos de João Batista encontraram-se com Jesus. (Jo 1, 39). Sempre me encantou a marcação dessa hora. Parece que ele fez poesia com isso. Marcando a hora ele embelezou o encontro e a tarde, dando-lhes a sinuosidade de uma dança.

Repare na tarde. Vê se ela não te seduz? Não te leva, ela, feminina, linda, para um canto? Não te canta com insinuações de pensamentos que te levam a pensar a si mesmo, a vida e o mundo?

Um encontro à tarde fica para sempre. Reconciliação boa mesmo se dá à tarde. Lembra às três horas de dois mil anos atrás? Aos amigos brigados a tarde presencia o desmanche de laços atados em nós malditos de desentendimentos e refaz a amizade, mesmo que com sacrifício.

À tarde o café tem muito mais sabor do que pelas manhãs. De manhã ele é necessário, faz parte do ritual de acordar. À tarde o café se saboreia num devaneio mesmo que rápido demais ou num encontro que se alonga de menos. Tão bom seria ficar só por mais um momento pra terminar um pensamento ou conversar um pouco

mais, entre um movimento e outro da xícara levada aos lábios, no corre-corre de um dia de trabalho.

Não sei não, mas me arrisco em afirmar que a tarde é a matriz das poesias. Por quê? É a hora dos encontros; com Deus, com o mundo, com os pensamentos, com as palavras. Talvez seja a hora de ligar para o filho ou se permitir um momento de sossego. Talvez seja a hora de ser mais afetuoso com a pessoa que esbarrou contra você na rua. E se for das contrariedades a hora? Tentar entendê-lhes os recados.

E quando toca a “Ave Maria”? Heim? Uma pontinha de dor atravessa o coração. O dia e a noite se dão, se esbarram, se encontram. Encontramos o fim. Queremos agarrar o tempo, parar o dia, esticar as horas. Por isso gosto do horário de verão. A noite chega mais tarde. Não faz mal uma pequena ilusão. Mas é outra a hora. A de ir, de se despedir, de deixar correr o que precisa ir. O encontro que aconteceu, aconteceu. Acabou.

O coração ao deixar ir o dia, mesmo sem belos e significativos encontros, quem sabe, torna-se mais terno e disponível para outros esbarrões, colisões. Indo contra você encontra. Ou, quem sabe, ainda, torna-se mais eficaz em fazer, como diz Fernando Pessoa, da procura um encontro*.

Eu comigo mesmo consigo um encontro sempre. À tarde de preferência. Será que me acho? Se não me acho, pelo menos desfaço as Contrariedades do dia e entro na noite mais leve.